

ARAZÃO



Órgão do Partido Republicano Português

DIRETOR POLITICO—Mannel Tavares Paulada
 Secretario da Redação—José Joaquim Gregorio
 Não serão restituídos os autógrafos embora não publicados
 ASSINATURAS—(Pagamento adiantado) Ano, 1\$; semestre, \$50.
 Para fóra: Ano, 1\$20; semestre, \$60; avulso, \$02.
 PUBLICAÇÕES—Anúncios, \$06 a linha; permanentes, contrato especial. Comunicados, \$08 a linha.

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Propriedade do
 CENTRO REPUBLICANO DEMOCRÁTICO
 ALDEGALEGA

ADMINISTRADOR—Joaquim Maria Gregorio
 Editor—Joaquim Maria Gregorio
 Endereço telegráfico—**Razão**—Aldegallega
 A correspondência deve ser dirigida ao diretor.
 Redação e Administração—A. A. José d'Almeida—Aldegallega
 Composição e Impressão, rua Almirante Candido dos Reis,
 126, 2.º—Aldegallega

A Demagogia

Quando se declarou victorioso o movimento de 5 de Dezembro, as proclamações do Parque Eduardo VII, bem como os decretos da Junta Revolucionária, anunciaram, com essa victória, a derrocada da «demagogia».

No mesmo tom falavam, depois, os jornais monarchicos, e ainda hoje é frequente ler ou ouvir dizer que «estamos livres, finalmente, da opressão demagógica».

O nosso país é muito fértil em frases feitas. Basta que elas soem bem ao ouvido, agradem ao paladar ou estejam á medida das conveniências de quem as adopta, para as vermos correr Seca e Meca n'uma velocidade doida, e saltar a dado momento da boca dos palavrosos. Ora, como não é com frases que podem ser julgados homens ou instituições, mas com factos, são os factos que nós vamos rememorar para se saber onde é que pára a tal demagogia.

Vamos aos factos.

Com o 5 de Dezembro caiu o Presidente da Republica sr. dr. Bernardino Machado e caiu o governo da presidencia do sr. dr. Afonso Costa.

O sr. dr. Bernardino Machado, dentro da Republica, representou sempre o espirito da máxima tolerancia para com os adversários das instituições e a politica de atracção de todos os elementos que fora da vida partidária, podiam ser úteis ao país. Como presidente de ministério e depois como chefe do Estado, foi dos que mais trabalharam no sentido de fazer entrar Portugal no concôrto das nações civilizadas.

E' isto demagogia?

O último governo do sr. dr. Afonso Costa, seguindo a obra iniciada pela «União Sagrada» depois que a Alemanha nos declarou guerra, quasi não teve outra preocupação que não fosse resolver os tres problemas nacionais—a preparação militar, á crise das subsistencias e o futuro económico e financeiro do país. De tal maneira os homens

que constituíam esse governo estavam ocupados com a sua pesada tarefa, que se fizeram no seu tempo umas eleições administrativas em que as vantagens obtidas não estiveram em proporção dos meios de que dispõe o poder para triunfar. Mais: nem sequer deram fé pelas prevenções desinteressadamente feitas por quem muito bem sabia o que se andava tramando.

Onde está aí a demagogia? Onde a violéncia, a desordem, o desrespeito pelos direitos individuais, a intolerancia, a illegalidade?

Cometeram-se erros? Certamente que sim, como se hão de cometer sempre, dada a imperfeição do homem e, ainda mais, a do meio em que éle tem de actuar; como se cometem em toda a parte, ainda nos povos mais bem governados, sem que ninguem lá se lembre de chamar aos que erram demagógos.

Assim, disse-se que a censura exercida então sobre a imprensa tinha mais em vista impedir a critica da obra dos ministros, que salvaguardar a nossa defesa militar. Foi, efectivamente, longe de mais a censura. Mas que se ha de dizer da situação da imprensa após o 5 de Dezembro, não obstante a torrente de legalismo que alagou o país inteiro?

Os jornais do Partido Republicano Português foram proibidos de se publicar. A censura, estabelecida a breve trecho, continuou a ser exercida com a mesma incompetencia e o mesmo arbitrio de outr'ora. Restabeleceu-se a apreensão dos jornais, embora já censurados e tendo respeitado os cortes da censura. E, por último, chegou-se á prisão de jornalistas, por artigos que não foram publicados, para os entregar, ao que se diz, aos tribunais militares pelo crime de... o seu jornal ter saído branco.

Isto não é demagogia?

No tempo do governo democrático foram presos e expulsos do País uns tantos individuos

como autores e distribuidores de um celeberrimo «Rol de deshonra». E este facto foi julgado uma violéncia do poder, que, afinal de contas, não cumpriu ainda com o rigór que as circunstancias reclamavam o seu dever de desagrar a honra de soldados portugueses empenhados lá fóra em levantar o nome de Portugal.

Mas, gora manda-se para a Africa cidadãos sem se instaurar contra eles qualquer fórma de processo por onde se verifique a culpa que lhes cabe. Prendem-se a tórto e a direito cidadãos, que determinados individuos ao serviço da policia tomaram á sua conta, e deixam-nos a apodrecer nos calaboiços das esquadras e nos fortes, sem a menor consideração nem pelos princípios da humanidade, nem pelas garantias constitucionais, e ainda por cima tratando-os a sabre e a cavalo-marinho.

Isto não é demagogia?

Eaquela célebre «Junta de Salvação Pública», em que tudo quanto éra democratico, desde que dentro de oito dias não renegasse o seu crêdo politico, sofreria a pena última? E as reuniões politicas dissolvidas a tiro? E os assaltos á «Montanha»? E as ameaças de deportação?

Isto não é demagogia?

Vamos lá, meus senhores: se não se trata de uma frase para armar ao efeito, nunca como agora é ocasião de a aplicar.

CARTEIRA ELEGANTE

Facem anos:

Hoje as meninas Maria Onelia Relogio Gregorio, filhinha do nosso querido camarada de redação Joaquim Maria Gregorio e Erminia Baldrico Tavares, filhinha do nosso dedicado amigo Diogo Tavares, digno tesoureiro da Camara Municipal deste concelho.

—Amanhã o nosso presadissimo amigo João Frederico de Brito Figueirôa Junior, digno escrivão de Direito nesta comarca.

—Na segunda feira o nosso bom amigo José Augusto Saloio, digno proprietario do nosso confrade local «O Domingo».

—Na terça-feira o nosso particular amigo Damaso Ernesto Reis de Carvalho.

As nossas felicitações.

Ecos e Noticias

A fita do assucar

Se estivessem no poder os democraticos e porventura se tivessem dado, com a distribuição das senhas desse género de primeira necessidade, as scenas edificantes de que temos conhecimento—umas por as havermos presenciado e outras por nos terem sido narradas pelas proprias vítimas—já se teria arrazado Troia.

Ha um celeiro municipal que custa a bonita renda de quarenta escudos por mez, mas o assucar, em vez de ser, como devia, depositado nesse celeiro, vai não sabemos porquê nem para quê, para casa ou para o escritorio do sr. presidente da comissão administrativa.

Ha nesse celeiro estado maior e menor que custa um dinheirão (diretores, tesoureiro, fiscal, guarda, etc.) mas, para se fazer a distribuição das senhas, fala-se a gente de fóra a quem se paga do cofre de todos porque a ordem é rica e os frades... nenhuns.—Parecia natural e lógico que essa distribuição fosse sempre feita no armazem que está mobilisado, mas não sucede assim. Quando tal serviço estava a cargo da Junta de Freguezia, ora se distribuiam as senhas no armazem, ora na rua, ora na loja do sr. Romão ou do sr. Antonio Gomes, ora em qualquer outra parte. Levantou reparos e censuras este serviço, feito assim, mas de nada isso serviu porque se continuou a fazer o mesmo, distribuindo-se agora as senhas umas vezes no celeiro, outras em casa do sr. Izidoro Maria d'Oliveira e ainda outras nem n'uma nem noutra parte, antes pelo contrario.

Dizem uns que as senhas são para os amigos e ailhados e dizem outros que ao chefe de familia que tem 6 pessoas é distribuido meio quilo ou 450 grammas ao passo que a outros que não tem mais pessoas do que eles proprios se distribue um quilo ou mais ainda, e afirma-se tambem que aqui ha dias foram distribuidos cinco quilos, só duma vez, a certo menino bonito que gosta tanto da Republica como nós gostamos de sal de azédas.

Tem-se dado ainda a circunstancia de certas pessoas receberem senhas e outras não; umas, para conseguirem recebê las, têm que apresentar o recibo da renda da casa ou coisa parecida, enquanto que a outras são entregues sem ser preciso apresentar nada; e—facto singular—algumas das pessoas que tem tido a sorte de conseguir haver as senhas vão ás mercearias buscar o assucar e ahí dizem lhes que não o tem porque o sr. Izidoro autorizou a que ele fosse levado para a Atalaia.

Ora, isto assim não póde continuar. Nós não queremos que se arraze Troia mas temos o direito de pedir que se evite de vez o espectáculo vergonhoso que com a distribuição das senhas temos presenciado e que essa distribuição se faça com mais equidade e justiça, pois o dinheiro dos ricos e dos amigos não é melhor que o dinheiro

dos pobres, e sempre no celeiro municipal que é onde ela deve ser feita ou então não querendo fazê-la aqui, será melhor adotarem o processo que puzeram em prática em Alcochete e que é, de todos os processos que temos visto em uso, o mais simples e equitativo.

Higiene da vila

Tem-se nos queixado vários moradores do largo da Palma de que, desde que sahira a vereação democratica, nunca mais por ali se viu a vassoura municipal nem por lá foi ainda a pipa refrescar a palmeira que está a morrer por falta d'agua, e lamentam-se de que o referido largo esteja convertido num verdadeiro vazadouro público o que constitue uma vergonha. Efectivamente é verdade que para ali se deita tudo (escumalha de forjas, cacos velhos, cascas de ameijoas, tripas de peixe, e toda a especie de imundicies) sem que a policia ou o zelador municipal tenham tempo para reparar nessas *ninharias* mas o que temos dito sempre ás pessoas que se nos teem queixado é que não ha da sua parte razão alguma para fazerem essas queixas. Se fosse só o largo onde moram que estivesse assim, ainda se compreendia o seu protesto porque se tratava duma excepção que não tinha razão de ser, mas desde que outros largos e ruas se encontram nas mesmas condições, porque os homens que estão administrando o municipio não podem, evidentemente, ter tempo para atender a tudo, já veem os moradores do largo da Palma que o que teem a fazer é consolarem-se com a lembrança, de que não são os únicos que *melhoraram* com a administração da gente rica.

João da Silva

Tivemos o prazer de abraçar nesta vila, na passada semana, este nosso presado amigo e assinante de Faro.

A situação dezembrista apreciada pelos monarchicos. — O que eles já dizem dela.

Porto 27.—«A Patria», jornal monarchico desta cidade, publica um artigo sob o titulo «A nossa attitude», assinado pelo seu director Dr. Pereira de Sousa que, entre outras passagens trazia as seguintes:

«A revolução de 5 de dezembro não se fez para que a Casa da Moeda estampe papel sem pezo, nem conta, nem medida; nem o contribuinte está disposto a suportar por mais tempo e em silencio os tributos que lhe queiram lançar em cima. Não estamos por isso nem o podemos tolerar. Sofremos calados durante estes mezes esta «fedelhoocracia» que nos teem dado como governantes, não estamos dispostos a transigir com ella, porque preferimos a demagogia organizada que tinhamos a esta ordem desorganizada que nos querem impingir como ouro de lei e dentro da qual só vemos vaidades que se estadeiam baldas e ócas, mas com as quais se vai arruinando a nação.
(De «O Mundo» de 28 de agosto)

Chuva benéfica...

Vieram beneficiar um pouco as uvas, o que contribuiu para alegrar os nossos agricultores, os borritos d'agua que cahiram na sexta feira última, tendo também beneficiado as ruas e praças da nossa vila as quais estavam ha muito necessitadas desse favor da Natureza.

Correios e telegrafos

A «Evolução» dava no domingo passado a noticia de que estava *indigitado* (?) (o italico é nosso) para boletineiro da estação telegrafo postal desta vila, o sr. João Antonio Xavier Lopes. Não é bem assim. O sr. Xavier Lo-

pes é carteiro supranumerario desta vila ha mais de ano e meio, não tendo entrado ainda em exercicio, e porque, pela nova organização dos serviços dos correios e telegrafos, fosse aqui criado um logar de boletineiro, é a ele que, por direito, cabe essa nomeação, a qual, segundo as nossas informações, deve ser feita brevemente, talvez ainda neste mez. Assim é que está certo.

«O Radical»

E' deste brilhante bi-semanario que se publica em Coimbra sob a intelligente direção do nosso valiosissimo correligionario sr. dr. Antonio Leitão, o artigo que publicamos em fundo e que desejamos fique arquivado nas colunas do nosso modesto semanario.

Para a sua transcrição pedimos vénia.

Economias...

No tempo da vereação democratica, que se notabilizou pelos seus *esbanjamentos* e pela enorme *divida* que deixou para esta comissão *pagar*, o encarregado das obras camararias que era o sr. Maximiano Francisco José não ganhava mais do que o jornal que percebia qualquer operario da sua profissão.

Agora, com a comissão sidónica, o encarregado das obras do caes que é o sr. José Antonio Caria, mais conhecido pelo José da Lucas, ganha por dia 50 centavos mais do que qualquer outro seu colega e não faz, segundo as informações que temos, metade do trabalho que fazia o sr. Maximiano.

Bem se vê que a ordem é rica e que os frades cada vez são menos.

Estamos vingados

Aqueles que foram radiantes votar na «lista do concelho» e que, ao mesmo tempo que faziam a maior propaganda d'essa lista, diziam o peor possível da administração da vereação democratica, são hoje os primeiros a declarar alto e bom som, que estão absolutamente arrependidos de ter votado «*n'esta gente*» e «que a administração dos democraticos foi a melhor e a mais benéfica que a nossa terra tem tido de ha muitos anos para cá».

Ha dias ainda, na rua do Caes d'esta vila, um dos que foram entusiasmados votar n'aquella lista *badaláva* mais que o carrilhão de Maíra em dias de festa contra a comissão administrativa, afirmando a muitos que estavam presentes que nunca mais daria o seu voto a «esta gente» e, entre apreciações acres feitas á mesma comissão, clamava que de futuro votaria sempre nos democraticos.— Muito obrigado pelo favôr, que dispensamos, mas em todo o caso não queremos deixar de registar o seu oferecimento e as suas palavras que sabemos nos consolam por vêrmos que estamos já absolutamente vingados e, contudo, vae a procissão ainda na praça!

Ainda bem que, embora tarde, souu enfim a hora da Justiça.

«O Jornal das Casas»

Recebemos o primeiro numero deste novo jornal que encetou a sua publicação em Lisboa sob a propriedade de Eduardo Mendonça e que, como o seu titulo indica, se destina a annuncios de casas. Agradecemos a visita, iniciando desde já a permuta.

Praça da Republica

Quando acabam, afinal os melhoramentos mandados fazer n'esta praça pela Comissão Administrativa? Aquilo ficará sempre assim como está, de furta côres? Supomos que não é por falta de piçarra que teriam acabado com as obras. Então porquê? Será porque o gado da limpeza publica, ha muito tem-

po já no regimen das restrições e alimentado apenas a alfarroba, não pôde, por falta de força, transportar a piçarra do mercado para a praça? Se é por isso, porque não dão ás pobres mulas, de vez em quando, umas fayinhas ou uma raçozinha de cevada aveia? Se não é por isso, porque não acabam então de *melhorar* o resto?

Será também por falta de dinheiro?!

Onde estariam?

Na quarta feira da semana passada não houve sessão da comissão administrativa por só terem comparecido dois vogaes.

Era n'essa sessão que deviam ser abertas as propostas para o fornecimento das carnes até o fim do ano e tratando-se d'um assunto de absoluto interesse publico parecia que nem um só dos comissionados devia faltar. Afinal, compareceram dois e faltaram trez não tendo, por isso, havido sessão... Pretendem ainda o presidente conseguir que ela se realizasse e para tanto mandou em cata dos seus illustres colegas mas o enviado voltou com a resposta de que um d'eles estava fóra e os outros dois, achando se aliás na vila, não tinha havido contudo meio de lhes pôr a vista em cima, por mais que por toda a parte os procurasse. Onde estariam eles? Estavam naturalmente a vêr se podiam descalçar a *bota* que arranjaram com essa questão das carnes mas, quanto mais se esforçavam por a descalçar, tanto mais ela se lhes metia pelos pés chegando até aos joelhos.

Restrições

Informa a imprensa periodica da Capital que o governo dezembrista vae estabelecer em todo o paiz o regimen das restrições...

Aqui em Aldegallega ha quem esteja ha muito tempo já sujeito a esse regimen não lhe causando portanto differença que saia ou não o decreto estabelecendo as rações ou restringindo o consumo. E sabem quem é? E' o gado da limpeza publica a quem a comissão administrativa ha muito restringiu a ração de fava, dando-lhe apenas alfarroba. E mesmo a fava que ainda comeu até certo tempo (abril ou maio) foi a que lhe deixou em testamento a vereação democratica pois, se assim não fosse, desde janeiro que o gado da camara não teria saboreado esse belo manjar.

Não, que a fava está muito cara e o dinheiro não pôde chegar para tudo.

O fornecimento das carnes

Por absoluta falta de espaço não tratamos neste numero desta importantissima questão o que faremos, no entanto, no proximo numero.

Imparcial

Suspende temporariamente a sua publicação este nosso presado colega de Loures.

Nadando em fatura

Garantiu-nos ha dias pessoa que nos merece todo o credito não tendo, por isso, motivo nenhum para duvidarmos que o presidente da comissão administrativa d'este municipio, sr. Izidoro Maria d'Oliveira, mandara um officio ao seu colega da visinha vila da Moita pedindo-lhe para não consentir na sahida de farinha d'aquella localidade para aqui.

Segundo ainda a mesma pessoa que nos informou, e que parece ter visto o referido officio, declarara n'ele o sr. Izidoro que nós não tinhamos cá falta de farinha e se é certo ter feito essa declaração não ha dúvida que o sr. Izidoro disse uma verdade que todos podem, em absoluto, confirmar.

Desde que nós temos, como é sabido, um *stock* grande de farinhas no celeiro municipal, talvez alguns milhões de quilogramas, e desde que, como é também sabido, ninguém ainda sentiu a falta de pão havendo-o, bom e em abundancia, em todas as padarias da vila, e a qualquer hora do dia ou da noite, para que haviamos de querer que os da Moita nol-as mandassem fazendo elas, talvez, falta lá?

Bem andou, pois, o sr. Izidoro em não consentir que as farinhas viessem, poupando-nos assim a uma indigestão certa.

Ficam todos

Constou a semana passada que o comissionado sr. Antonio Luiz Salgado, em consequencia da situação delicada em que ficou com a questão das carnes que se agravou por virtude d'uma outra questão — a dos trigos — ia pedir a demissão do seu cargo na comissão administrativa.

Parece que o boato que n'esse sentido correu foi a consequencia d'uma frase do sr. Izidoro Maria d'Oliveira, presidente da mesma comissão, o qual disse a quem o quis ouvir que depois do que se havia passado com essa malfadada questão, «era essa a attitude lógica que o seu colega devia tomar».

A nosso ver, a demissão não podia ser pedida só pelo sr. Salgado mas sim por todos, pois todos teem responsabilidades na fórma como tal questão foi encaminhada, com grande prejuizo para o publico, mas afinal parece que ficam todos e que nem mesmo o sr. Salgado sae, continuando a ser colega do sr. Izidoro Maria d'Oliveira.

E' pecha antiga.—Tambem na dissolvida comissão d'abastecimentos houve um vogal que desconsiderou a comissão inteira e a quem, por esse motivo, se concedeu a demissão, facto que ficou consignado n'uma das actas, e depois... depois appareceu uma bela noite a tomar parte n'uma sessão d'essa comissão e não houve niuguem que tuggisse nem mugisse, antes pelo contrario todos ficaram satisfeitos e bem dispostos, como se nada se tivesse dado.

Que lhes faça pois muito bom proveito.

Anuncio

Compra-se por alto preço a colecção do jornal que se publica n'esta vila e que tem por titulo «Evolução».

Quem a possuir e desejar vender, pode dirigir-se a esta redacção em carta assinada com as iniciaes B. O. L. A.

Um pedido...

Ha já oito dias que temos visto na Praça da Republica, a nossa mais linda praça, e mesmo em frente da ourivesaria do Sr. Timoteo, um enorme montão de entulho que algum nos diz ter sido ali colocado de proposito para tapar a porta d'aquella senhor.

Fosse ou não propositadamente posto — é esse um caso particular com que nada temos — o que é certo é que ha já oito dias que aquilo ali se encontra, sem que a policia ou o zelador municipal compreendam que a nossa mais linda praça não pôde nem deve servir para deposito de entulhos, e por isso aqui chamamos a attenção de quem competir olhar por essas *ninharias* pedindo-lhe para mandar immediatamente fazer a remoção d'aquilo.

Ao Sr. Vigilante!

Prometemos no nosso ultimo numero dizer mais algumas verdades ao «Vigilante» da «Evolução» e aos poucos e poucos lhe iremos mostrando, publicamente, que o seu fim não é defender o povo, mas sim preten-

der ser o engraxador-mor do sr. Izidoro Maria d'Oliveira. A situação que atualmente atravessamos é de tal ordem asfixiante que dá vontade de gritarmos o mais alto possível, e dizermos com toda a franqueza que estamos roubados, e sem termos desmentidos, porque publicamente quando alguma coisa escrevemos, é porque pessoa de crédito nos informa da verdade dos factos.

Com que então o sr. J. Soares vendeu azeite por preço superior ao da tabela a uma freguezia, e esta depois voltou a dizer que não queria o azeite porque tinha aonde o fosse buscar mais barato, pelo preço da tabela, não é verdade? Mas então; ó seu «Vigilante», o azeite que o sr. Soares vendeu era do bom, ao passo que aonde a mulherzinha o foi buscar pelo preço da tabela não era do bom e pouco lhe faltava para ser veneno, prejudicando assim a saúde. Pois você, seu «Vigilante», nem sequer ao menos vê, que gente «pura e honrada» só os espanhóis «Romão» & C^a. Sendo portugueses são todos maus, ao passo que os espanhóis, está provadissimo, nesta vila são e continuam a ser os grandes «amigos» do povo, e por isso, seu «Vigilante», abra bem os olhos, sêja vigia de verdades, e escute com muita atenção (se lhe convier) o que aqui lhe vamos dizer.

Ha dias que se encontra no estrangeiro um dos socios da casa Sanchez & Hermanos, ficando á testa da mesma o já muito conhecido pela sua «generosidade», o «popularissimo» Romão. Este cavalheiro foi tambem um dos que no tempo da Camara democratica, com o sinismo que lhe é peculiar, soube muito bem dizer que os democraticos desconheciam o que era a palavra dignidade, porém agora qual não é o nosso espanto ao termos conhecimento de que este moralista de nariz de papagaio, está vendendo no seu estabelecimento comercial azeite de tão boa qualidade, misturado com borras, que de tão fina e bela qualidade que é, nem sequer se pôde tragar. O mesmo succedeu com o assucar que a comissão de abastecimentos para lá mandou, a fim deste ser fornecido ao publico por meio de senhas, e afinal no mesmo, em cada quilo verificava-se uma falta de 80 a 90 grammas. Nestes casos, sr. «Vigilante», abra bem os olhos, porque estamos vendo que você só vê o que lhe faz conta, (porque tambem faz o que pôde).

Então este «puro e immaculado» comerciante que tanto vociferava contra os democraticos, (sem ao menos se saber colocar como estrangeiro) dizia que os democraticos desconheciam a palavra dignidade, e é ele agora quem descaradamente está intrujando assim a

população desta vila que ha muito esta o devia ter posto ao fresco com um rosario de contas ao pescoço, para que assim lhe fiquem gratas recordações dos seus feitos beneméritos ao honrado povo desta laboriosa vila, digna de mais consideração do que aquela que alguém lhe dispensa. Vêja tambem o illustre «vigilante» se sabe quem foi o seu correligionario que, constanos, pediu ao sr. Izidoro para lhe dispensar algum assucar para vender no seu estabelecimento que tinha por ocasião das festas d'Atalaia, e comprou o dito assucar pela tabela, já se vê, e agora gabou-se de ter vendido o mesmo pelo preço de um escudo o quilograma. A isto é que se chama abuso que devia ser reprimido, mas como é correligionario ou coisa parecida, (conservem-no por lá bastante tempo) a «Evolução» não dirá coisa alguma. Este é dos tais que faz elogios a si proprio, (ao pé de quem o não conhece) e é muito bom para conhecer a vida dos outros esquecendo a sua.

A «Evolução» quer tudo pela lei, mas nem sequer vê que as tabelas geralmente só vêm exercer rigor contra os pequenos comerciantes e os pequenos fazendeiros porque, os grandes, passeiam descansadinhos sem ter quem os incomode e assim como até agora tabelas para as carnes de porco não aparecem, e o pobre é quem se aguenta com o custo em que as mesmas ficam ao chacineiro.

Então qual é o motivo porque o sr. «Vigilante» se cala com tudo isto, recolhe-se ao silencio, e só aponta os «grandes e horribes crimes» que involuntariamente um pequeno comerciante comete? Se é lei deve ser lei, e afigura-se nos que dentro da mesma não ha excções, quer seja pobre quer seja rico. Ela deve ser igual para todos. Agora os sidónicos é que procuram sempre deturpar-a. Não ha dúvida, o tempo é quem nos ensina...

Enfim o sr. Izidoro pensou em tempos ser o mandão de tudo isto, chegou a ocasião. Agora aguentem-se aqueles que lá o puzeram, porque na cama é que se chora porque é lugar quente. Vá lá alguém falar-lhe em tabelas para a carne de porco, e verão que se farão de rir. Ha dias entrámos num estabelecimento do qual é seu proprietario um sidonista. Junto com o mesmo estavam outros sidónicos. Era uma graça ouvir-os falar contra o sr. Izidoro. Para não nos chamarem malcriado é que não lhes dissémos: «Então agora é que conhecem o tio Izidoro?»

Achámos piada no que a

«Evolução» diz com referencia a uma noticia que este jornal deu sobre a vinda a altas horas da noite dum carro que conduzia sacos com trigo, e por cima coberto com uns molhos de palha de milho, dizendo o que lá vinha era do seu director, e que estava manifestado; porém o que não sabemos é se era ou não de sua produção. Como pode ser verdade, tambem pode ser mentira, mas de qualquer das formas, se tudo que vinha no carro é do director da «Evolução» que coma tudo e que lhe sirva de muito bom proveito, porque nós felizmente, não precisamos.

Então é para faltar a terra ou é para proveito do sr. director? É bom, és!

Abra bem os olhos, sr. «Vigilante», deixe-se de ser engraxador e não tenha receio desde que fale a verdade d'acusar seja quem for porque o sr. Izidoro não é tão feio que meta medo; caso contrario aconselhe-o a pregar com todos os democraticos na cadeia. Sim, os republicanos na cadeia, os monarquicos em plena liberdade.

Já-hini.

Monte-pio Conceição

Novamente, e já prestes a entrar o porto, foi esta velha Associação apanhada por algumas saraivadas de grosso granizo que a tem feito amainar á entrada do porto sem que possa atracar, e os timoneiros que estão encarregados de a salvar não desmoreceram nem desmorecem de a salvar.

Rugindo infamias anda um quediúdo rafeiro, a quem, como dissemos, lhe tiraram a suina gamela da frente, contra os que agora estão encarregados de limpar os pôdres que encontraram no Monte-pio, mas não se esfalfe, porque as vidas estão curtas e não só isso, pôde de um momento para o outro aparecer o Manuel Pio com a rede, e então lá está a casinha no quartel e uma porção de gaz sulfuroso para fazer com que os socios do Monte-pio saibam para onde foi o seu dinheiro, a bactilha e toalhas que a titulo do Monte-pio foram compradas ao Sr. José Repas e não aparecem.

Recolha portanto ao casulo e espere pelo dia do ajuste de contas que não deve vir muito tarde, e então quem as tiver é que as joga.

Todos, absolutamente todos, terão que apresentar contas, ainda mesmo que estejam muito longe então se desmascaram os «bilontras, burlistas» e de mais adjectivos.

Muito breve a farmacia será reaberta, não precisando do farmaceutico feito pelo Jacinto Garganhóla, e então tambem se verá como aqueles estabelecimentos, que a todos os seus proprietarios dão fabulosos lu-

ros, só o do Monte-pio deu desgostos, despesas e fartas benesses a quem o administrava e a mais alguém.

(Continúa)

Rivera.

ANUNCIOS

AGUA DO ALARDO

LOJA do Frederico

Um livro util e economico

O CADERNO DA

Dona de Casa

Toda a mulher deve possuir este interessante livro.

SUMARIO: Rol da roupa para 8 quinzenas, diario da Dona de Casa para 4 mezes, menú para 7 almoços e 7 jantares e varias receitas uteis ás boas donas de casa.

PREÇO: 4 CENT.

LISBOA

BIBLIOTECA DO POVO

270 — Rua de S. Bento — 279

A. LOURENÇO GONÇALVES

ESCRIVÃO-NOTARIO

Escritório—R. Almirante Candido dos Reis n.º 4.

Residencia—R. da Praça da Republica n.º 4.

ALDEGALEGA

JUSTINIANO ANTONIO GOUVEIA

solicitador

RUA DA PRAÇA
ALDEGALEGA

PAULINO GOMES

advogado

Escritorio: Rua Martir de Montjuich
ALDEGALEGA

MANUAL

— de —

Correspondencia comercial

— em —

PORTUGUEZ e INGLEZ

por

Augusto de Castro

BIBLIOTECA
DO POVO

H. B. Torres—EDITOR

R. de S. Bento, 279—Lisbôa

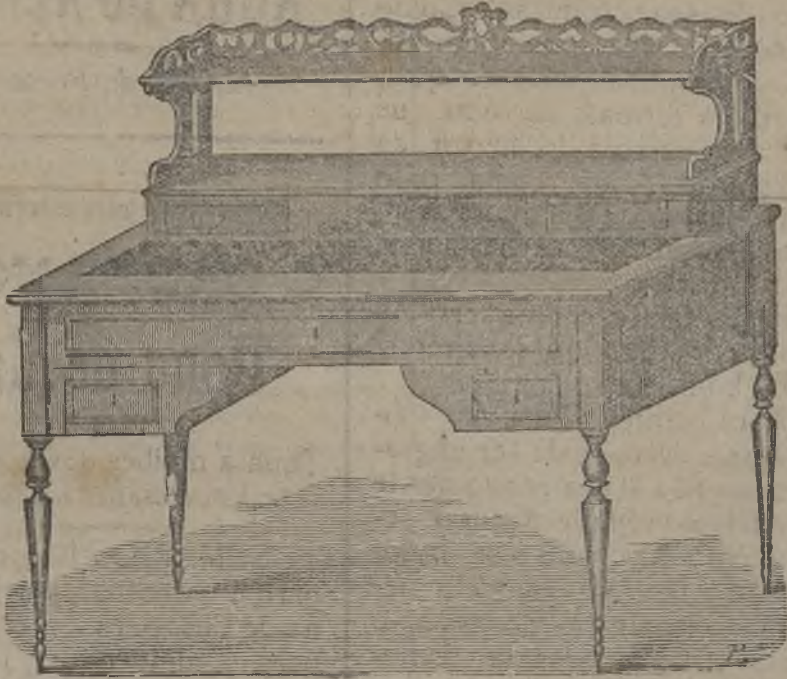
A' venda n'esta vila no estabelecimento do sr. João Martins

COMERCIO POPULAR

DE

EMÍLIO PIRRES & C.^a

Completo sortimento de fazendas de todas as qualidades. Merceria e Padaria. Variadissimo sortido de móveis de madeira e de ferro. Colchoaria e máquinas de costura.



Preços baratíssimos e sem competencia

Vendas a pronto e a prestações

Praça 5 de Outubro, 15 a 19—ALDEGALEGA

J. M. SOUZA PEREIRA

O DOCEIRO MODERNO

O mais moderno e completo tratado de confeitaria, pastelaria e doçaria, contendo centenas de receitas antigas e modernas. 1 grosso volume com perto de 800 páginas 800 réis.

Fabricação de Vinhos e Licores

Tratado theorico e pratico, contendo grande variedade de formulas para preparar todas as bebidas espirituosas como vinhos, licores, champagnes, rams, ponches, 1 vol. 300 réis.

A Cozinha Vegetariana

Explendida coleção de receitas culinarias, doces, etc., etc. 1 volume 300 réis

BIBLIOTECA DO POVO

HENRIQUE TORRES — Editor

Rua de S. Bento, 279 — LISBOA

TIPOGRAFIA MODERNA

DE

JOSÉ AUGUSTO SALOIO

Esta casa encarrega-se de todos os trabalhos tipograficos pelos preços mais reduzidos de Lisboa, encontrando-se para isso montada com maquinismo e materiais novos, de primeira ordem, para trabalhos



de luxo e fantasia

Grande variedade de tipos para cartões de visita, faturas, envelopes, memoranduns, obras de livros e jornais, relatorios e estatutos, etc., etc.

TRABALHOS A CORES, OURO, PRATA E ALTO RELEVO

Encarrega-se de encadernações em todos os géneros

ALDEGALEGA

Alcool de vinho

Rectificado, de 96 graus garantidos.

Fábrica de

GREGORIO GIL

nesta vila.

Mais ninguém de Portugal pode garantir aos seus Ex.^{mos} freguezes um alcool tão puro, isento de oleos e éteres e com tão alta graduação.

ANTIGA MERCIARIA

DE

JOSE ANTONIO PIALGATA

Sucessor,

Manuel Tavares Paulada

Géneros alimenticios de primeira qualidade.

2—Rua Magalhães Lima—4

ALDEGALEGA

JOSE TEODOZIO DA SILVA

Com fábrica de gazozas e pirlitos, soda-water, licores, cremes etc, pelos sistemas mais modernos e aperfeiçoados. Satisfaz-se qualquer pedido, enviando-se a remessa a casa do freguez, mesmo fora da sede do concelho.

RUA FORMOSA

ALDEGALEGA

SULFATO

ENXOFRE E OXIDINAS

VENDEM

M. S. VENTURA & FILHOS

ALDEGALEGA

PADARIA VIANENSE

= DE =

ANTONIO MORAIS DA COSTA JACOME

Pão de luxo e de familia de fabrico esmerado. Generos de merceria, bombons, chocolates, etc:

118—R. ALMIRANTE CANDIDO DOS REIS—120

—* ALDEGALEGA *—

Padaria Popular

DE

JOSÉ DA SILVA

O proprietario desta padaria participa aos seus amigos e freguezes que vende pão de luxo e de familia de fabrico esmerado.

R. TEOFILO BRAGA

ALDEGALEGA

A UNIÃO LISBONENSE

J. Rodrigues, L.^{da}

Amplio e bem sortido estabelecimento de Modas, fanqueiro, rouparia e muitos outros artigos.

Preços sem competencia e ao alcance de todos

O seu proprietario pede uma visita á

41, R. DA PRAÇA DA FIGUEIRA, 42

LISBOA

Recibe encomendas de todos os artigos.